

MULHERES NA LITERATURA: UMA LEITURA DE PERSONAGENS FEMININAS E SUA BUSCA POR UM LUGAR NA SOCIEDADE

Women in Literature: a reading of female characters and their search for a place in
society

Sara Gonçalves Rabelo

<https://orcid.org/0000-0002-3049-3104>

Instituto Federal Goiano, Campos Belos - GO, Brasil.

Contato: saragrabelo@gmail.com

Laís Moreira do Nascimento

<https://orcid.org/0009-0004-5982-575x>

Instituto Federal Goiano, Campos Belos - GO, Brasil.

Contato: laismoreira751377@gmail.com

Resumo: O presente artigo tem o objetivo de discutir e analisar três obras de três grandes autoras da literatura, Virginia Woolf, com *Um teto todo seu* (1929; 2014) Charlotte Brontë, com *Jane Eyre* (1847; 2021) e Emily Brontë, com *O morro dos ventos uivantes* (1847; 2018). Analisaremos nas obras três personagens femininas importantes: Mary Beton, Jane Eyre e Catherine Earnshaw. Serão explorados elementos como o papel das protagonistas na quebra de estereótipos femininos, sua busca por liberdade e autodeterminação, os desafios enfrentados por elas e como suas histórias contribuem para um entendimento mais amplo da condição feminina na literatura e na sociedade da época. Como resultado de uma pesquisa de PIBIC-EM realizada entre 2022 e 2023, esta análise permite compreender como a literatura foi um espaço de resistência e empoderamento para as mulheres, mesmo diante do perfeccionismo e das restrições sociais impostas nos séculos anteriores.

Palavras-chave: Literatura feminina; Perfeccionismo; Literatura comparada.

Abstract: This article aims to discuss and analyse three works by three great authors of literature, Virginia Woolf, with *A Room of One's Own* (1929; 2014) Charlotte Brontë, with *Jane Eyre* (1847; 2021) and Emily Brontë, with *Wuthering Heights* (1847; 2018). We will analyse three important female characters in the works: Mary Beton, Jane Eyre and Catherine Earnshaw. Elements will be explored such as the role of the protagonists in breaking female stereotypes, their search for freedom and self-determination, the challenges they faced and how their stories contribute to a broader understanding of the female condition in literature and society at the time. As a result of PIBIC-EM research carried out between 2022 and 2023, this analysis allows us to understand how literature was a space of resistance and empowerment for women, even in the face of perfectionism and social restrictions imposed in previous centuries.

Keywords: Women's literature; Perfectionism; Comparative literature.

Introdução

Estudar e discutir as obras *Um teto todo seu* (1929, 2014), *Jane Eyre* (1847, 2021) e *O morro dos ventos uivantes* (1847, 2018) sob a perspectiva do papel da mulher ao longo do tempo não é algo novo. Essas grandes obras sugerem debates relevantes acerca da luta e do empenho das mulheres por um espaço e por respeito no âmbito social. O que será abordado aqui não é algo novo, mas será discutido de forma diferente, apresentando a visão de três autoras que lutaram para conseguir esse espaço. Falaremos de três mulheres, a partir de personagens femininas escritas por elas, que buscavam, em séculos anteriores, uma qualidade de vida melhor, que lutavam pela igualdade de direitos e buscavam pela liberdade.

Apesar das barreiras sociais, culturais e políticas que historicamente as restringiram, as mulheres persistiram e se empenharam em superar essas adversidades para serem ouvidas e expressarem suas vozes e experiências únicas por meio da escrita. Elas tiveram a necessidade de mostrar um certo perfeccionismo na literatura para conquistarem seus lugares na sociedade literária dominada pelos homens e para que suas obras fossem reconhecidas e valorizadas.

As escritoras Virginia Woolf, Charlotte Brontë e Emily Brontë, que são as autoras das obras apresentadas, são exemplos de mulheres que conseguiram romper essas barreiras e tiveram seus trabalhos publicados, embora frequentemente anonimamente. Mulheres que foram de extrema importância para que hoje muitas outras ocupassem espaços importantes não só na literatura, mas em outros ambientes que há muito tempo não podiam nem mesmo frequentar.

Como resultado do projeto de pesquisa desenvolvido entre agosto de 2022 e julho de 2023, com bolsa de pesquisa financiada pelo Instituto Federal Goiano, este trabalho intenta apresentar três obras destas autoras, dando destaque às mulheres personagens e protagonistas dessas histórias. Como a apresentação do comportamento, o pensamento individual de cada uma e o sentimento dessas personagens que refletem a indignação de suas escritoras com a sociedade patriarcal do cada século e o modo como as mulheres eram vistas por essa sociedade.

Motivações e objetivos da pesquisa

Este trabalho e o projeto de pesquisa que a ele deu origem propõem o diálogo entre a cultura acadêmica (letrada, intelectualizada, oficial) e a realidade individual de cada um, a partir de expressões artísticas que amalgamam índices decisivos de sua gente e de sua história: a arte literária. Lança-se o método dialógico como modo efetivo de intercambiar noções, conhecimentos e experiências com o outro, em troca multilateral de saberes, que constitui o intento maior de qualquer atividade de pesquisa coletiva.

Acredita-se que, pela literatura, no contexto muito específico de um projeto de pesquisa no Ensino Médio, é possível expandir o modelo educacional tecnicista, dando ao estudante pesquisador as condições necessárias para ler a literatura e perceber que esta refrata elementos da cultura, da história e da conformação social do país. Desse modo, a pesquisa que deu origem a este artigo justificou-se pela importância de levar os alunos a refletirem sobre seu papel na sociedade como seres autônomos e pensantes. A partir de personagens femininas da literatura mundial, este trabalho permitiu a reflexão, ao longo da história, da necessidade de a mulher estar sempre em busca de uma perfeição muitas vezes inalcançável. Portanto, tendo a literatura como um reflexo da realidade, compreendemos como necessário o levantamento dessas mulheres literárias e sua análise a partir de uma pesquisa bibliográfica.

Enquanto sujeito de autonomia, o pesquisador no Ensino Médio será capaz de perceber que o texto literário suscita reflexões, discussões e tomadas de consciência ante o mundo dado – tem-se, então, a formação de um indivíduo dotado de competência política. Nesse processo de construção do ser, no contato com a literatura que permite responder às necessidades fundamentais, constatamos que, muitas vezes, o direito à literatura, inerente a todo brasileiro, é postergado:

A literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. [...] E durante a vigília a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito, como anedota, causo, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco. [...] Ora, se ninguém pode passar vinte e quatro horas sem mergulhar no universo da ficção e da poesia, a literatura concebida no sentido amplo a que me referi parece corresponder a uma necessidade universal, que precisa ser satisfeita e cuja satisfação constitui um direito (Candido, 2011, p. 176-177).

Compactuando com o postulado por Antonio Candido, de que a literatura constitui bem imaterial de necessidade comum, lançamos mão desta, enquanto material de pesquisa, a fim de viabilizar seu provimento para a comunidade historicamente privada deste direito – como de tantos outros. Assim, com o objetivo de fazer um levantamento e análise de personagens femininas presentes em três obras literárias – *Mary Beton*, *Jane Eyre* e *Catherine Earnshaw* – este artigo busca discutir a necessidade da busca pelo perfeccionismo como forma das mulheres serem vistas socialmente, além de uma comparação com a busca pelo perfeccionismo (estético e acadêmico) atual.

Nas entrelinhas de mulheres escritoras

Um teto todo seu, de Virginia Woolf

O livro *Um teto todo seu* (2014), escrito originalmente em 1929, é um ensaio da autora inglesa Virginia Woolf, e neste ela faz uma reflexão em relação às condições sociais da mulher e a sua influência na literatura. A obra tenta romper um pensamento estabilizado sobre o que é ser mulher e busca entendê-la desconstruindo o pensamento patriarcal dominante.

A autora questiona o que é necessário para que uma mulher escreva ficção, o que seria, basicamente, ter um lugar sossegado e uma certa estabilidade financeira. Porém, a personagem Mary Beton – um álter ego da própria Virginia – vai mais a fundo, mostrando todas as dificuldades que as mulheres passavam naquela época, primeira metade do século XIX, para se tornarem escritoras ou para simplesmente ocupar um lugar de privilégio em uma sociedade extremamente patriarcal: "Uma mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu, um espaço próprio, se quiser escrever ficção; e isso, como vocês verão, deixa sem solução o grande problema da verdadeira natureza da mulher e da verdadeira natureza da ficção" (Woolf, 2014, p. 12)

Ter uma estabilidade financeira e um lugar sossegado, para uma mulher, sempre foi a maior dificuldade. Em uma sociedade em que o poder era despótico, ver uma mulher alcançar esse nível de vida era quase impossível. A maioria delas não possuíam recursos próprios e dependiam dos homens para seu sustento. Essa dependência financeira restringia sua liberdade e autonomia, tornando-as menos capazes de dedicar tempo e energia à escrita.

Mary também destaca que a sociedade não valorizava o trabalho criativo e intelectual das mulheres. Suas contribuições muitas vezes eram ignoradas, subestimadas ou atribuídas a homens em suas vidas. A falta de reconhecimento e incentivo desencorajava muitas mulheres a buscar uma carreira criativa ou a acreditar em seu próprio potencial: "É bastante evidente que no século XIX uma mulher não era encorajada a ser artista. Pelo contrário, era desprezada, estapeada, repreendida e aconselhada." (Woolf, 2014, p. 81)

Na história da literatura ocidental as produções de texto revelam-se predominante masculina. Há uma exclusão das mulheres no ramo literário e isso pode ser explicado pelo fato de que a mulher "[...] sempre esteve inserida numa cultura literária organizada por normas, leis, valores e julgamentos patriarcais. Por isso, não só a escrita lhe era uma ideia impossível ou inconcebível, como também fazer parte de comissões editoriais, científicas" (Galbiati, 2013, p. 7).

Como exposto por Mary, as mulheres foram criadas para papéis específicos na sociedade, como esposas e mães, deixando suas aspirações intelectuais para segundo plano. Abandonar essa esfera doméstica e rejeitar atividades que são culturalmente femininas deixava a sociedade em estado de indignação. Tentar ocupar um lugar que era predominantemente masculino era uma verdadeira afronta, pois, para o corpo social, as

mulheres eram “inferiores” aos homens: “Sempre haveria uma afirmação dessas – você não pode fazer isso, você é incapaz de fazer aquilo – contra a qual protestar ou que se deveria superar.” (Woolf, 2014, p. 80)

Mesmo diante dessa repressão social, algumas enfrentaram dificuldades e lutaram, em cansadas tentativas, para se tornarem escritoras e de alguma forma ocuparem um espaço no campo literário. Segundo Duarte (1997, p. 87),

muitas fizeram uso de pseudônimos masculinos, como forma de driblar a crítica e, ao mesmo tempo, se protegerem da opinião pública. Muitas filhas, mães, esposas ou amantes escreveram à sombra de grandes homens e se deixaram sufocar por essa sombra. As relações familiares, hierarquizadas e funcionais, não incentivavam o surgimento de um outro escritor na família, principalmente se a concorrência vinha de uma mulher. Não é por acaso que de algumas só se sabe que foi “irmã de Balzac”, “esposa de Musset”, “mãe de Lamartine” e mal se conhecem seus nomes ou seus escritos.

As relações familiares hierárquicas, com os homens frequentemente ocupando posições dominantes, inibiam o surgimento de escritoras independentes e respeitadas. Ser vista como uma concorrente na esfera literária poderia minar a reputação masculina na sociedade da época, e muitos homens não estavam dispostos a permitir que suas parceiras brilhassem em suas próprias carreiras literárias.

É isso. A liberdade intelectual depende de coisas materiais. A poesia depende da liberdade intelectual. E as mulheres sempre foram pobres, não só por duzentos anos, mas desde o começo dos tempos. As mulheres gozam de menos liberdade intelectual do que os filhos dos escravos atenienses. As mulheres, portanto, não tiveram a mais remota chance de escrever poesia. É por isso que dei tanta ênfase ao dinheiro e ao espaço (Woolf, 2014, p. 151).

O comportamento e as reflexões de Mary Beton em *Um Teto Todo Seu* fazem uma crítica incisiva à sociedade patriarcal ao expor as desigualdades de gênero e a falta de oportunidades para as mulheres na literatura e na sociedade em geral. Ao levantar essas questões, Virginia Woolf defende uma mudança fundamental na forma como as mulheres são tratadas e representadas, visando alcançar maior igualdade e liberdade para as mulheres como escritoras e indivíduos.

Jane Eyre, de Charlotte Brontë

O livro *Jane Eyre* (2021), publicado em 1847, é uma autobiografia ficcional da personagem Jane Eyre. A obra escrita por Charlotte Brontë faz um relato da opressão feminina na primeira metade do século XIX. Ela cria uma personagem feminina que foge à regra do estereótipo submisso, sem valor e mudo.

Jane carregava consigo traços de genialidade, veemência e indignação, e mulheres assim no passado eram raras, poucas buscavam a realização de seus sonhos, poucas obtinham essa indignação e essa busca pela liberdade. Em toda a obra somos fascinados com as ações, falas e a garra desta personagem, visto que, no passado, as mulheres não tinham essa facilidade em se expressar tão abertamente: “Quem pode me culpar? Muitos, sem dúvida; haveriam de me chamar de insatisfeita. Eu não podia evitar: a inquietude estava em minha natureza, e às vezes me agitava a ponto de me causar sofrimento” (Brontë, 2021, p. 184)

Ao longo da obra, Jane mostra ter uma visão de mundo que foge aos padrões femininos da época. Ela sempre busca mais, não se contentando com o necessário. Sabe-se que “o sistema patriarcal fabricou a mulher ideal, que Woolf (1979) chama “o anjo do lar”: ela é simpática, altruísta, passiva, subordinada, silenciosa, casta obediente, fiel.” (Bonnici, 2007, p. 22). No entanto, Jane é uma personagem que foge dessa ideia de “mulher ideal”, ela demonstra que quer vencer na vida, é uma mulher intensa que quer amar e viver em seus próprios termos.

Jane recusa-se a se contentar com um casamento sem amor ou baseado apenas em interesses financeiros. Ela espera encontrar um parceiro que a respeite e a ame como igual, em vez de ceder às expectativas sociais de aceitar uma posição de submissão no casamento. É uma mulher que quer ser livre, que não quer ser oprimida ou desrespeitada, que não quer ser subestimada, nem silenciada.

Meu olhar percorreu a paisagem e repousou nos picos azuis à distância. Eram eles que eu ansiava transpor; tudo o que ficava aquém de seu círculo de rocha e urze me parecia uma prisão, um exílio. Acompanhei o traçado da estrada branca que se enroscava ao pé de uma das montanhas e desaparecia num desfiladeiro entre outras duas. Como eu desejava seguir por ela e ir mais longe (Brontë, 2021, p. 144).

A personagem surpreende pelo fato de questionar a sociedade patriarcal dominante da época e como as mulheres viviam nessa massa. Criticava o fato de os homens obterem todo o privilégio e respeito somente por serem homens. As escolas eram ocupadas pelos filhos homens, as empresas tinham a sua frente os homens, uma sociedade totalmente dominada pelo poder masculino. Já às mulheres, esposas e filhas restava o trabalho doméstico que era designado a elas por natureza, “o papel desse ser puramente afetivo é o de esposa e dona de casa; ela não poderia entrar em concorrência com o homem.” (Beauvoir, 1980, p. 144).

Jane representa uma voz de resistência e questionamento frente à sociedade patriarcal e às desigualdades de gênero que a permeavam. Ao se levantar contra a opressão e a limitação imposta às mulheres, ela destaca a injustiça fundamental de como o sistema patriarcal concedia todos os privilégios e o poder à figura masculina, relegando as mulheres a papéis tradicionais e estereotipados.

Das mulheres se espera que sejam muito calmas, de modo geral. Mas as mulheres sentem como os homens. Necessitam exercício para as faculdades e espaço para os esforços, assim como seus irmãos; sofrem com uma restrição rígida demais, com uma estagnação absoluta demais, exatamente como sofreriam os homens. E é uma estreiteza de visão por parte de seus companheiros mais privilegiados dizer que elas deveriam se confinar e preparar pudim e tricotar meias, tocar piano e bordar bolsas. É insensato condená-las ou rir delas se buscam fazer mais ou aprender mais do que o costume determinou necessário ao seu sexo (Brontë, 2021, p. 184-185).

Ler um livro publicado em 1847 e encontrar nele personagens femininas com esse espírito, mostra que existiram mulheres que compreendiam o seu valor e o seu espaço. Jane, desde o início da história, mostra sua aversão às expectativas sociais. Ela se recusa a aceitar ser tratada como inferior e busca oportunidades para se desenvolver intelectualmente e emocionalmente.

Em uma época em que as mulheres geralmente dependiam financeiramente dos homens, Jane Eyre busca sua independência e autonomia. Ela opta por estudar e se formar uma professora e trabalha como governanta, em vez de se entregar ao conforto de um matrimônio de conveniência, o que era algo extremamente atípico na época. De acordo com Thomas Bonnici (2007, p. 246), “a partir de Descarte (1596-1650), o sujeito não é mais visto como manipulado por forças cósmicas ou divinas; pelo contrário, o sujeito torna-se a fonte de toda a atividade humana e controla o mundo através de sua inteligência”. É exatamente como Jane se mostra ser ao longo do livro, ela se posiciona contra a visão estereotipada da época mostrando ser uma mulher inteligente e forte, que defende sua independência e busca por um papel igualitário na sociedade: “Não sou um pássaro, e rede alguma me prende; sou um ser humano livre, e de arbítrio independente, [...]” (Brontë, 2021, p. 424)

Por meio de sua protagonista, Charlotte Brontë apresenta uma mulher que desafia as convenções da sociedade patriarcal, buscando autodeterminação e igualdade de gênero. Ao fazer isso, o romance *Jane Eyre* critica abertamente as restrições impostas às mulheres na época e destaca a importância da liberdade individual e da busca pela felicidade além dos papéis e expectativas de gênero.

O morro dos ventos uivantes, de Emily Brontë

A obra *O morro dos ventos uivantes* (2018), escrita por Emily Brontë e publicada, originalmente, em 1847, conta a história de Catherine Earnshaw e seu irmão adotivo, Heathcliff. Embora Heathcliff seja o personagem “principal” na obra, é Catherine que se destaca com sua personalidade atrevida e intensa.

Catherine era uma mulher fora dos padrões impostos pela sociedade daquela época, desde pequena já demonstrava um temperamento forte. Ela era comparada às mulheres que buscavam por liberdade. Quando pequena era tida como uma criança “rebelde” por não apresentar um comportamento esperado de uma menina na sociedade da época (posicionamento que ainda existe atualmente, por mais que tenhamos evoluído um pouco nesse quesito).

Ela era, de fato, a criança mais difícil que eu já vira, e nos fazia perder a paciência cinquenta vezes por dia, no mínimo. Desde o momento em que descia do quarto até a hora em que ia se deitar, não tínhamos certeza nem por um minuto que não estaria metida em alguma travessura. Parecia sempre pronta para isso, e nunca fechava a boca; estava sempre cantando, rindo e atazanando quem não estivesse disposto a fazer o mesmo. Um diabinho, mas tinha os olhos mais lindos, o sorriso mais encantador e os pés mais ágeis da paróquia (Brontë, 2018, p. 64-65).

Nesta obra a autora não expressa somente uma indignação particular, como na obra analisada anteriormente, “Emily foi inspirada por uma concepção mais geral. O impulso que a urgia para criar não era seu próprio sofrimento ou suas próprias feridas. Ela olhava para um mundo bifurcado em uma gigantesca desordem, e sentiu dentro de si o poder para uni-lo em um livro” (Gilbert; Gubar, 1996, p. 1331, tradução nossa). No entanto, ela não deixa de se expressar através da personagem Catherine Earnshaw, cuja intensidade emocional e conflitos internos refletem, em certa medida, os próprios sentimentos e inquietações da autora.

Catherine passa por diversas situações complicadas ao longo de sua vida. Quando chega a fase adulta, ela começa a tomar decisões que não condizem com seu desejo, mas que são necessárias para se ter uma vida “digna”. Sendo uma mulher de classe superior, a solução para melhorar sua vida era um bom casamento, pois se não se casasse era condenada pela sociedade moralista da época. Ela é pressionada a fazer uma escolha entre Heathcliff e Edgar. Enquanto seu coração anseia por Heathcliff, a sociedade da época favorece casamentos que envolvem riqueza, status e convenções sociais. Ela, então, é encorajada a se casar com Edgar Linton, um homem socialmente aceitável, em detrimento de sua própria felicidade e desejo.

Esse comportamento de Catherine reflete sua submissão inicial à ideia de casar-se com alguém de alta classe social, mesmo quando isso significa reprimir seus sentimentos verdadeiros. Isso ilustra como as mulheres eram frequentemente ensinadas a se submeter às expectativas sociais e patriarcais, renunciando a sua autonomia e desejo.

Esse não é o meu Heathcliff. Vou continuar a amar o meu e vou levá-lo comigo... está na minha alma. E o que mais me aborrece, no final das contas - proseguiu -, é esta prisão. Estou cansada de ficar trancada aqui dentro. Anseio fugir para o mundo glorioso lá fora e ficar lá para sempre, sem ter que enxergá-lo vagamente por entre as lágrimas e ansiar por ele atrás das

paredes de um coração sofredor, mas estando realmente nele, com ele (Brontë, 2018, p. 230).

Catherine apresenta traços tanto respeitados socialmente aceitos (sua gentileza e afabilidade) quanto comportamentos que desafiam as normas (sua intensidade e paixão). A personalidade forte de Catherine é marcada por uma natureza passional, o que a torna uma figura complexa e contraditória.

Através dessa personagem, Emily afirma seu próprio eu, em uma Era onde a falta de opinião própria e “[...] a humilhação eram prescritas para as mulheres; ela expressou sua sexualidade, desejo de poder e liberdade, energias intelectuais e físicas, e desejos despudorados, em uma época de silêncios e desejos femininos mortificados [...]” (Davies, 1999, p. 21, tradução nossa). Ela cria uma personagem que é capaz de ser gentil e afetuosa, mas também pode ser volúvel e temperamental, agindo por impulso e sem pensar nas consequências.

Ah, estou ardendo! Queria estar lá fora! Queria ser outra vez uma menina, meio selvagem e destemida, e livre, rindo das injúrias que sofria, e não enlouquecendo ao peso delas! Por que foi que mudei tanto? Por que meu sangue ferve com umas poucas palavras? Tenho certeza que voltaria a ser eu mesma se estivesse outra vez entre as urzes, naquelas colinas (Brontë, 2018, p. 181).

Crescer sendo mulher no século XIX era desafiador. Catherine ansiava por uma liberdade que talvez nunca mais existisse. Talvez por isso ela demonstre tanto desejo de voltar a ser criança, porque, de uma maneira ou de outra, quando pequena ela se sentia livre. Por meio da personagem de Catherine Earnshaw, Emily Brontë faz uma crítica contundente à sociedade patriarcal de sua época, expondo suas restrições, injustiças e o impacto negativo que ela pode ter sobre a vida das mulheres.

Considerações Finais

Feita a leitura das obras *Um teto todo seu* (2014), *Jane Eyre* (2021) e *O morro dos ventos uivantes* (2018), por meio de suas personagens protagonistas, conseguimos perceber a indignação delas e quanto elas pensavam e agiam diferente das mulheres “comuns” do século XIX. São personagens mulheres que demonstram sede por liberdade e por um lugar de respeito no corpo social e isso reflete diretamente no pensamento das escritoras dessas obras.

Nessa análise, constatamos que foi justamente essa busca por uma sociedade diferente naquele período que propiciou as diversas mudanças que ocorreram, principalmente, ao longo do século XX. O direito ao acesso às universidades, o direito ao voto, a criação da Lei do Divórcio, da Lei Maria da Penha, da Lei do Femicídio, dentre outras conquistas fizeram com que a mulher tivesse seus direitos assegurados, por mais

que, na prática, ainda há muito a ser feito para a conquista da autonomia, do direito de ir e vir sem ser importunada.

Virginia Woolf, Charlotte Brontë e Emily Brontë quebram os padrões de perfeccionismo impostos às mulheres na literatura e na sociedade em geral nos períodos em que viveram. Nas obras literárias, elas defendem uma abordagem mais autônoma e inclusiva à escrita, desafiando as expectativas tradicionais e patriarcais que limitavam a expressão das mulheres. Isso não quer dizer que foram inteiramente felizes, o que se encontraram naquilo que realmente almejavam, mas estas foram as precursoras de grandes mudanças vividas e justamente por isso são lembradas e estudadas em pleno século XIX.

Embora o perfeccionismo e as expectativas opressivas ainda possam persistir em muitas esferas da sociedade contemporânea, o trabalho de Virginia Woolf, Charlotte Brontë, Emily Brontë e de tantas outras escritoras pioneiras contribuiu para abrir caminho para uma literatura diferenciada, inclusiva e autônoma, permitindo que as mulheres se expressem e sejam reconhecidas como escritoras talentosas e complexas.

Referências

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. 1. Fatos e Mitos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BONNICI, Thomas. **Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências**. Maringá: Eduem, 2007.

BRONTË, Charlotte. **Jane Eyre**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

BRONTË, Emily. **O morro dos ventos uivantes**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. **Vários Escritos**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

DAVIES, Stevie. **Emily Brontë: heretic**. London: The Women's Press, 1999.

DUARTE, Constância Lima. O cânone literário e a autoria feminina. In: AGUIAR, N. (Org.) **Gêneros e Ciências Humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1997.

GALBIATI, Maria Alessandra. **Revendo o gênero: a representação da mulher no Bildungsroman feminino contemporâneo**. 2013. 120 f. Tese (Doutorado em Literatura) - Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto.

GILBERT, Sandra; GUBAR, Susan. **The Norton anthology of literature by women: the traditions in English**. New York: Norton & Company, 1996.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

Notas de autoria

Sara Gonçalves Rabelo é doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia. Atualmente é professora de Língua Inglesa e Língua Portuguesa no Instituto Federal Goiano – Campus Campos Belos.

Laís Moreira do Nascimento é Técnica em Informática pelo Instituto Federal Goiano – Campus Campos Belos. Atualmente cursa Direito na Universidade Estadual do Tocantins (UNITINS).

Agradecimentos

Agradecemos ao Instituto Federal Goiano por propiciar a realização deste trabalho.

Como citar esse artigo de acordo com as normas da ABNT

RABELO, G. S; NASCIMENTO, L. M. Mulheres na literatura: uma leitura de personagens femininas e sua busca por um lugar na sociedade. **Sobre Tudo**, Florianópolis, v. 15, n. 1 p. 162-172, 2024.

Financiamento

Projeto de pesquisa financiado pelo Instituto Federal Goiano entre agosto de 2022 e julho de 2023.

Licença de uso

Os/as autores/as cedem à Revista Sobre Tudo os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que terceiros remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

Publisher

Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências da Educação. Colégio de Aplicação. Publicação na página da Revista Sobre Tudo. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus/suas autores/as, não representando, necessariamente, a opinião dos/as editores/as ou da universidade.

Histórico

Recebido em: 01/04/2024

Aprovado em: 06/06/2024

Publicado em: 11/07/2024

